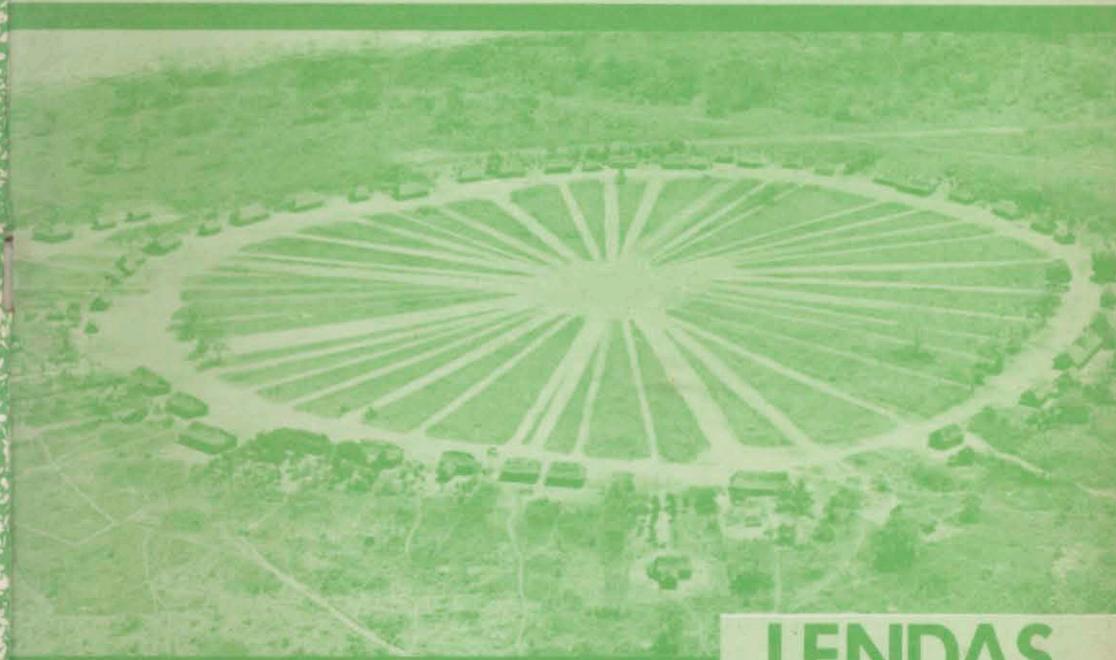


ROPKRÃ JARËN XÀ

A Lenda do
Ropkrã, O Tio Ralhador
e Outros Contos



LENDAS
E CONTOS
CANELA - KRAHÔ

VOLUME 6

ROPKRÃ JARËN XÀ

A Lenda do
Ropkrã, O Tio Ralhador
e Outros Contos

VOLUME

6

DA SÉRIE

ESTÓRIAS DOS TEMPOS ANTIGOS

E OUTROS CONTOS

LIVRO DE LEITURA

NA LÍNGUA CANELA-KRAHÕ

REDIGIDAS POR AUTORES INDÍGENAS

EDIÇÃO EXPERIMENTAL

Publicação do
Summer Institute of Linguistics
Brasília, DF
1982

Este livro de contos, parte de uma série, tem o propósito de prover para os Canela, recentemente alfabetizados em sua língua materna, material de leitura já conhecido por eles. Assim, podem melhorar sua habilidade em ler com entendimento e fluência.

A versão na língua portuguesa tem a mesma função, isto é, dar-lhes material para ler na nova língua, recentemente aprendida, ou seja, o português. Este material é extraído da cultura canela; por isso, lhes é muito familiar.

No entanto, o mesmo não tem como propósito servir de material para estudos lingüísticos porque o texto escrito difere muito do oral. O texto oral, para ter significação, depende muito da inflexão de voz, de ideófonos, de palavras parciais, e até de gestos. A tradução em português não é, portanto, uma versão muito literal, pois, foi feita idéia por idéia. O primeiro rascunho foi feito de forma semiliteral, por um canela mais ou menos bilíngüe, e revisado várias vezes por falantes nativos de português. A intenção foi a de produzir material de leitura fácil, conservando-se, entretanto um pouco do estilo canela.

Timbira do Leste é o nome geral dado às várias tribos pertencentes à família lingüística e cultural Gê. São elas: Apinayé, Gavião, Krinkatí, Timbira, Krahô, Apanjekra-Canela e Ramkokamekra-Canela.

Há várias diferenças culturais que distinguem tais tribos entre si: sistema de parentesco, sistema de faixa etária, população das aldeias, etc. Portanto, é surpreendente que as tribos Krahô, Apanjekra-Canela

A Lenda do
Ropkrã, O Tio Ralhador
e Outros Contos

REEDITADAS POR AUTORES INDÍGENAS
NA LÍNGUA CANELA-KRAHÔ
REEDITADAS POR AUTORES INDÍGENAS
NA LÍNGUA CANELA-KRAHÔ
REEDITADAS POR AUTORES INDÍGENAS
NA LÍNGUA CANELA-KRAHÔ
REEDITADAS POR AUTORES INDÍGENAS
NA LÍNGUA CANELA-KRAHÔ

EDIÇÃO EXPERIMENTAL

Publicação do
Summer Institute of Linguistics
Brasília, DF
1982



e Ramkokamekra-Canela falem dialetos estreitamente aparentados, ou seja, muito parecidos entre si. Na verdade, as variações dialetais existentes entre estes três grupos lingüísticos são menores em número e menos importantes do que aqueles existentes na própria língua portuguesa falada no Brasil. Mas, visando-se uma descrição lingüística básica, ortografia prática e educação indígena, os três dialetos foram considerados uma só língua.

Os falantes nativos de Krahô são cerca de 1000 pessoas, que vivem em várias aldeias, a poucos quilômetros de Itacajá, ao norte do Estado de Goiás. Os Canela vivem em duas aldeias. Os Ramkokamekra-Canela são mais ou menos 800, vivendo em uma aldeia grande situada a 75km ao sul de Barra do Corda, no Estado do Maranhão. Os Apanjekra-Canela são, em número, mais ou menos 400 pessoas, vivendo cerca de 100km ao sudeste de Barra do Corda, Estado do Maranhão. A maioria dos adultos alfabetizados (cerca de 50 ou 60) vivem na aldeia Ramkokamekra-Canela.

A primeira narração dos mitos, visando-se a uma gravação, foi feita em 1970. O narrador era o mais idoso Canela, João Ludugero Pyhtô. Coube ao antropólogo, Dr. William H. Crocker, da Smithsonian Institution, a realização desse projeto. Diga-se de passagem, que prestou-nos grande colaboração colocando à nossa disposição as referidas gravações.

Posteriormente, as histórias foram transcritas, datilografadas e traduzidas, em primeiro rascunho, por um grupo de jovens canela: Luíz Jaco Hõmpryxý, Aristides Caprêprêc, Getúlio Crôpej e José Hõcõxen. O treinamento que lhes permitiu a realização deste trabalho e a editoração das histórias coube a Jack D. Popjes, lingüísta do SIL. Para isso, contou com a ajuda de várias pessoas da tribo Ramkokamekra-Canela.

Constatou-se, naquela época, que muitos dos adolescentes não tinham segurança quanto aos detalhes

das histórias, e isto nos levou a deduzir que as mesmas não tinham sido contadas há vários anos. Há porém, uma vantagem; além da provisão de material de leitura de conteúdo cultural, preserva-se, pelo menos parcialmente, a rica herança cultural da Literatura Oral dos Canela.

Vários dos livros não contêm mitos ou lendas, mas sim histórias curtas que narram as ocorrências da vida cotidiana. Tais histórias foram escritas por autores nativos como experiências pessoais. Trata-se de um conteúdo mixto: algumas histórias sobre acontecimentos ocorridos na própria aldeia ou nos seus arredores; outras sobre experiências que os canela tiveram fora de sua própria cultura. O critério utilizado para selecionar as histórias que aqui constam foi orientado pelo devido respeito ao interesse dos autores e de seus leitores pelas histórias aqui incluídas.

O trabalho de campo, realizado de 1968 a 1977, mediante contrato firmado entre o Museu Nacional do Rio de Janeiro, Fundação Nacional do Índio e Summer Institute of Linguistics, permitiu a elaboração da análise lingüística e da ortografia canela.

Os editores lamentam o fato de não ter sido possível que artistas canela-krahô ilustrassem esta edição, e também, que a verificação final dos manuscritos não tenha sido feita por falantes nativos da língua, capacitados para fazerem este trabalho. Por vários anos, e por circunstâncias que fugiram ao controle dos editores, os contactos entre estes e os índios canela-krahô foram muito raros. Mas, por haver, por parte dos canela, constantes solicitações de literatura nativa, decidiu-se publicar esta série de livros mesmo em edição experimental, esperando-se que, no futuro, seja restabelecido o contacto com os falantes canela e, que sejam publicadas edições destes, e outros volumes revistos e melhorados.

...ame gacãrã me me hitô ne me jÿ, me cuprÿ me, mentuwjê me hitô ne me jÿ ne me amji mã: --Jÿ mã cu me? Mã mehwÿ me cumã: --Ma cu ame pancrer mÿ, cu kra ame pancrer mÿ ne ma me api, namri me aquêtjê ame

ROPKRã

Yhÿ, hÿ pê Ropkrã jarÿn ita hane. Pê mentuw me amji mã:

--Jÿ mã cu me? Hane

Pÿpÿn, quêt me ca. Hane. Pê jÿm ita me cumã:

--Pÿpÿn, ca kra ate me hajÿr na, ca kra me acunea me gãprê prãm na cu kra pahtÿj me, namri cu kra me capê, cu kra ita ri me amji to rÿt. Hane. Pea ajco ame amji mã hane.

Pê Ropkrã cato, ne ame cumã akij, ame hapactu, pê ame cumã akij. Pê pea ajco me hitô ne me jÿ, me cuprÿ me, mentuw me hitô ne me jÿ. Pê pê mã nam mam me panquêtjê pea me hitô ne me jÿ, me cuprÿ me, mentuwjê me hitô ne me jÿ ne me amji mã:

--Jÿ mã cu me? Mã mehwÿ me cumã:

--Ma cu ame pancrer mÿ, cu kra ame pancrer mÿ ne ma me api, namri me aquêtjê ame

pakam me hapacxà ne ame, namhã akrã tũm cator ne ame pamã akij, me pajapactu kam, cu ame pacaràr. Ne ame hõtxwa to me kêrkêt mã hõtxwa xà te cator ne ame pamã akij. Quê hane ne me kam ahcarĩc que ihtỳj me hikwa ne me hõt to me apẽ, namri cu ame pacaràr ne ma me cujrõ, cu kra pahtỳj me api. Hane. Mã jũm ita me cumã:

--Ca kra atỳj me api, cu ha pahtỳj me api.

--Ma. Hane. Ne pea amencrer mõ.

--Huxêpure te prĩniti ta noro, hee cõ hee cõ hee hee cõ hee. Hane. Ajco amencrer mõ. Pê ramã hamre tacu ame hapactu nare, ne cama ajco mencrer to ipa ne krĩ cape na ajco me ajxê he. Me hõt cahtyc kam ramã amencrer mõ pê ramã me hõt cahtyctỳ. Pê pea me ajpẽn mã:

--Jũ mã cu me? Xà cu me to apẽ? Hane. Mã me cumã:

--Hãpà, quê kra cormã cõjkwa jaka, cu kra ma me api. Hane.

--Ma. Hane. Ne pea hipêr ajco mencrer to mõ pê ramã cõjkwa jaka japên ramã ahtêp, mã pea jũm ita me cumã:

--Hamre ramã cõjkwa jaka, cu me api? Hane. Pea mencrer mõ ne wỳhtỳ jũrkwa ri me jỹ ita caxuw ma me api, amũ kàjmã cõjkwa kam me api. Pea mehcunea caricti, me hãrěj pit.

Pea apẽ impej pê me hũmjê me cuprõ ne me amji cukij:

--Hãpà ma ajte me akra caricti?

--Pỳpỳn, pom mer me hãrěj pit ita?

--Xà jũ kam me anõ te me mõr xà na me hõmpun nare?

--Hamreare. Hane. Pea ame cukàr to ipa. Hamreare, jũ kam mehpar hamreare, wỳhtỳ jũrkwa ri me hỹr xà ita kam me hãm xà ita kam curia me api ma me api. Pê ajco tee me ajpẽn to wỳw:

--Ampo caxuw mã ca ame akra mã, mã amũ me akra jũ kam mã rỳ amũ me akra cutor? Jũ kam ate me akra cutor xà na me hamreare. Ita cwỳrjapê, jũm quê ha apu caràr ame pacapĩ, me anõ mã ca apu gapacxà jarê? Quêt ta me pahkra ame ipa ne pacapĩr nare. Ne me anõ ita apu me cumã, mã amũ amehpahàm ne amũ me hàpir. Pimã me hàpir, jũ kam me cutor. Hane.

Mencwỳrjapê ame ajpẽn mã he. Ne hacpỹa mã me amji mã me caprĩ. Ne ajco me krĩ pê

caku ramã caku to tẽ, pê pea prõtpê jũm ita me cumã:

--Hapà, ma cu hacpỹ mã me wrỳ ne cama me aquêtjê mã me amji to me ajpẽ. Hane. Ne pea me amji mã:

--Ma, cu kra pahtỳj me wrỳ. Hane.

Pea ramã ihkô awrỳc mã amji pê pàt pê krãa me wrỳ, me wrỳ, ne pea ajco me:

--Ita rũm wa mõi hõ, ta rũm wa mõi hõ Hahõtõtjê kra te ito cator xà rũm wa hêê. Hane. Pê pea jũm ita ampra he, ne me amji mã:

--Hapà, ma ajte krã jũrũm me akra wrỳc ne pimã me akra wrỳc ne amencrer mõi. Hane.

--Jũ rũm me cator ne amencrer to mõi, hõ hõ cama me hane na mã ca me acutor ne me akõt ahcarĩc, ne hacpỹa ne rỳ ate me amji to apipẽ, ajco mer me gànhuuctu ajco. Hane. Ajco me hane he, rỳ pea pê pea:

--A ôtõtjê mã cuca toto cato ho tajêhê. Hane. Pê me cupê Hahõtjêkra. Yhỹ tahnaa pê ajco amjia na mencrer to mõi. Mã jũm, ita me cumã:

--Jũ rũm me akra wrỳc, jũ rũm me akra cator ne amencrer mõi. Hane. Ne hamreare quẽ

ha amencrer mõi ry nare, pê ramã ame ampra he, ne amũ ame krĩ he, me cuto to ajxê krĩ kõt ikre kõt. Pê pea mõi ne me ajxê, ne tac hipêr me ajxê ne tac hipêr mõi ne me ajxê, ne hamre pea me mõi ita caxuw mũhũràn wỳhtỳ jũrkwa ri pea ma mũhũràn ma me api, hacpỹ mã me api. Pê me hakànpê apẽ, pê me hãrẽj pit he. Ajco ame ajpẽn cukij:

--Hapà jũmjê ri ajte apu mencrer mõi? Xà ajkĩ jũmjê intuw hõtpê?

--Hãpà, pỳpỳn quẽ me akra quẽ jũ rũm me wrỳ ne amencrer to mõi.

--Xà mer me anõ te me hĩa pupun?

--Wa ite me hĩa pupun, me hĩa tajêa na ame mõi, wa ite me hõmpun, ne hamreare, wỳhtỳ jũrkwa ri mehkêt ita caxuw, mõrmõi ma hacpỹ mã me hãpir. Jũ mã cu me to? Hane. Curia hipêr cute me ajpẽn to wyw ne ame ajpẽn mã akij he, ne me ajpẽn mã:

--Jũ mã cu me, me pahkà pit ita kam? Xà ca me akà itajê gõtpe me amji kĩn ne ajco ame acrer to apa ajco? Me akra ri apu me pacapĩ ne amencrer to ipa, cu ame cupa. Mã amũ jũ kam me cutor ita kam ahcarĩc mã krã jũrũm me cator ne amencrer mõi, amji mã mõrmõi rama

jürüm me catoar to me cator. Xàmte hacpỹ ma mã jũ kam me cutor. Ampo mã quê kra ame pacapĩ jũmjê intuw mã quê apu me pacapĩ? Xà ca ha gõtpe me akà ajkĩ me gõtخوا cahi ne me amji jirôpê apÿpÿm, cu kra me amji capĩ! Hãpà, me akrantuw ri ame pacapĩ, ne hamre, ma rama hacpỹ mã me hàpir ne jũ mã cu ha me to? Hane. Ne pea rama jũ mã caku te jũ mã pimã caku pijakrut, cute me ajpên par:

--Ma cu me wrÿ ne me apãmjê jipej? Namri pê apu me pakam hapacxà pê cu me api, me api mã ita pit quêt ame ipa. Pê me pajapactu kam ame pacurê pê cu me api. Hane. Me cute amji mã me hajÿr, mã jũm ita me cumã:

--Namri, ampo na cu ajte me apãmjê jipej? Namri jũ na ame pato, pê hõtpê ame pakam me hapacxà, ne ame pamã pê cu me api. Hane.

--Hã, pÿpÿn, quê kra me amã me apãmjê japê ca hapacta ne. Hane. Ne pea me amji capa, pê jũm ita me cumã:

--Ma cu kra mer me hane, rÿ ate me amji ton cwÿrjapê, wa ha hanea ne nee ijũkjê japê nare, wa ha itÿj, pahtÿj, me hipej. Hane. Ne pea mũhüràn me wrÿ ne pea me amji mã:

--Jũ mã cu me? Xà cu apu me pancrer mõi? Hane. Mã jũm ita me cumã:

--Namri, namri cu kra aracri me krã. Hane. Ne pea cute me krã, ne pea cute me to 'poc, poc, poc, poc,' cute me hipejtu me hõtewÿr. Ihtÿj me nõ ne me gõr. Mã me cute me hõtewÿr me hipejtu ne ma hacpỹ mã me hàpir. Ne me amji mã:

--Hamre, hamre cu kra hipêr me pawrÿc nare, cu kra kÿajpê apu me papa. Hamre rama me pajàpir tu ne nee cu hacpỹ mã me pawrÿc nare. Hamre pahte rÿ me amji huwatĩ. Hamre jũm wÿr cu hipêr me wrÿ. Hamre ate me amji mã me acryc to me acator cwÿrjapê, ate me apãmjê jipej. Mã hamre, ampo wÿr cu hacpỹ mã me wrÿ, cu kra ita ri kÿapê apu me papa. Hane. Jũm ita me cumã:

--Me hajÿr prãm ne me hane, cu kra pajõtpe me hane, cu ha nee me pawrÿc nare. Jũm wÿr cu hacpỹ mã me wrÿ? Xà quê me apãmjê ame ipa cu me hÿrmã me wrÿ ne ame ajpên pupu? Hamre pê ame pamã pê cu ramã me pajàpir tu, ne hacpỹ mã pahte amji pro xà na rÿ me apãmjê jipej ita, ampo wÿr cu me wrÿ? Me amji mã me hane.

Ne pea pê mã nam me ta mã mã me xa kÿjpê
amũ cõjkwa kam itajê mã ja mã ne hane me cumã
hapactu na prãm. Mã ame hapactu to ipa.
Hamre.

PYHTÕ JUJAREN XA

Francisco Romão Pyhtõ

Yhÿ, pê hikà ixa. Pê wa ijÿrkwa pê icãto
ne ijÿjahêr to mõ. Itÿj ijÿjahêr to mõ. Pê
ampeaj kam ahtu pytĩ. Pê wa itÿj ijÿjahêr to
mõ. Ne ikrakrac pyrentu, ne hõtpê ijuphê, ne
pê hirãpê ito kam imã cãgã pyrentu. Ne pê imã
cagã hÿpa pyrentu. Pê wa itÿj mõ.

Hamre, pê ikam intoj, ne ikõn japac na
ito cryc ne ixa. Pê wa amji kam hõmpun
pyrentu. Ne pê ramã ikjê cupu to tẽ, pê wa
amji kam to `prit` ne cuta. Ne amũ to awcapê.
Ne pea pê wa cumã:

--Wa ha amcwa. Hane. Ne pê wa hõtpê hikà
cura. Ne nee pê wa rÿ hikà ita pupun nare. Ne
amji mã:

--Hamreare, patti nõa te ri rÿ ito
hajÿr, wa ha ipej nare ita kam. Hane. Hamre.

Pê wa ajtea mā amji cajpēr xà. Ne pê hamre, icaprô ina ajpjê, pê wa amji kam hōmpu nē amji mā:

--Pÿjmexi. Hane. Ne pê imā amji kīn nare. Ne pê wa hikà cura. Ne hamre curia caxuw pàrhōnxa, ne cacô krē. Pê pàrhô xwýjê ma ito hūren xà ne ihāhāc. Pê pàrhô xwýjê apu ito ajpā. Pê wa pjê kam jÿ ne itÿj to ihcukêa to ihcukê. Ne hamre imā amji kīn nare. Hamre, wa itÿjre ri `uu' ne krī tēp. Hōtpê imā me hūjarēn:

--Pÿpÿn, jūri quē ha cagā ita imē? Hane. Ne pea ajpēn Hīnre na iwryc ne pea hamre. Ikjê cajpē, ne hamreare hà nare. Icapēan, wa amji mā:

--Quē pê mā nam cagā ixa wa ihkôt ikō, quē ma ito hūren xà. Hane. Ne pea hamre. Pê ramā imā kōr. Pê wa ihkôt ikōm pejti, ne hamre, wa ajpēn amji mā iprī nare. Ne pea krī mā icato, ne ajco aracri jÿ, ne ajkampa. Ne amji mā:

--Pÿpÿn, xà wa ajkī amji jarē, cagā te ito hajÿr ita na? Hane. Ne tee amji cajpē, ne hamreare, pê wakre kam hà kēnre ne pea hàjnō. Hamre.

PYHTÔ JUJAREN XÀ, HAKATI NA

Francisco Romão Pyhtô

Wa hanea ne curmā apu ijūjahêr to mō. Corpej mā apu ijūjahêr to mō, ne ite tōn jihê. Mā xām te tōn amū ita wÿr amū kre ita kôt tē, ne cute pry hyr. Mā xām te ita wÿr ita kam hākati ita jÿ, ihkākānti ita kam. Wa ite ihcaxun ne ihkôt to awxêtti kre. Ne amji mā:

--Wa ha ikuc to mā ijuphê cri, quē ha ikuc na ixa. Hane. Ne amū kre kôt ite ikrā jaxàrtu ne ihkôt to ipa jaxàrtu ne apu to ihcaxu, hānkrikrit japê. Cute imā jūmān japê. Mā hamreare. Kre ita carīcti. Ne ita wÿr kre ita kôt ite ihcaxun ne hacpÿ ne icator. Ne hipêr ihkwÿn, ne ite pjê camen par ita caxuw wa amji mā:

--Côt mã ajte jūhwyr kre nō quêt? Hane. Ne ite amū ihkôt cormã ijūhkra jaxar. Mã hamre, hàkati te ajpên ijūhkra ita na ajpên cute ihcunea na inxar! Ne hamre, wa ite ihcajpēr pyrentu, ne amji mã:

--Hamreare, ampo quê cutea ri ihnõa te ri. Hane. Ne xwýjê mã amū awke to ijapên ne ite amji kam awke to hàkati imput na ihcuhtom, ne amji mã:

--Paw. Hane. Ne hamreare, hamreare, cute itôtu, amū ita wýr wa ry ne ita wýr iry ita kam. Cute to itôtu he. Hamre, hamre cute ipa kam ikên pyrentu. Cute awpôc na ixar ne imã amji kîn nare. Rý ite hī na hõmpun nare, ne hamreare. Wa pea amji mã:

--Patti nõa te ri. Hane. Ne ita caxuw wa ajpên ihkjên to mō. Mã ta ajpên ipa cupu to mō, wa ajpên amji kôt to icator, ne ite hõmpun, ne pea amji mã:

--Hamreare, hàka te mã ixar, wa ha ne ityc nare. Wa ha acura. Hane. Ne pea xwahna apu cumã hane, ne pea ite amji tète harkwa pôn ne ite ihcuran ne hir. Mã ijū caprô pit ajxwý. Ne antuw pēa mã ajpên ipa caquêquê. Mã ijūhkra caprô pit ajxwý. Wa jý ne hõmpu ne

hamreare, hàka te ixar to impeaj, ne ite ihcura ne amji caquēc rūm hir. Mã quê kôc apê ne mã quê ahkrêj apu ajxwýre. Ne pea xãm te ite ihcuran cahac. Mã ma ramã mō. Wa cumã:

--Wa ha acuran pej. Hane. Ne pea hýrmã ipipkjêr ne tee ite apu hapên par, ne amji mã:

--Hamreare, mōrmō ma jū kam imã curêhti mō. Mã kôc apu pīhhô to apê. Mã jū kam imã curêhti mō. Hane. Mã kôc apu pīhhônçrà to ahkrojcroj. Wa ahpên to icuhhê to mō. Mã ramã rontihhô kôt kàjmã ihkrã mō. Mã hamre, mūhūràn ne ite ihkrã na ite ihcuhtom, ne hamre wa ite amji mã pī na hir ne ihnam wa ihkô catêtêc, ne hamre ite apu hīnkaka mã hūrên. Ité apu cumã hà krýn. Mã hamre, ampeaj kam. Hamre wa ite tôn kre ita kam men. Mã aricri nō, hamre pē quêt cormã tôn ihhêj ne amū ita wýr kre ita kôt ahkrihkrit. Wa jý ne amji kampa ne amji mã:

--Hã, hamre, ramã ikên jū wýr wa hipêr na, ca nō ne acato. Hane. Ne curia ite hīcu. Ne ite ipjêr cri ne to xa ne hacpýa mã to mō ne ite kre jikàrti na to xa ne hacpýa mã to mō ne ite kre jikàrti ita kam men. Ne cumã:

--Ita ri ca nō, ampo wỳr wa apu ato kwỳ.
Hane. Hamre, ite ihcuran ne pea ma ne mō. Ita
te ri hajỳr, ita wa ite amji na hōmpun to
hajỳr. Yhỳ, hamre.

ROPKÀ JUJAREN XÀ

Vitorino Ropkà

Yhỳ, pē wa iràrà na ijàpēn xà wỳr tē.
Ijàpēn xà wỳr tē, cãn japrār wỳr tē. Ampo na
ijàpēn xà to ijūjarēn tuam na, ituware ri. Pē
wa tē, pē cormā ihkūmti, kwỳ xēt na.

Xwahna pē wa amū amji mǎ irīt ne ijō to
ihcarêr to mō, pē ihprōtpē ito apêt, ne
hamre, xāmte cagã xàa to hà. Pē ikrã to acto
tu. Iràrà na ne tàà kam rỳ ina pyt to mō, pē
cagã caprār catê jū kam mō, ne ramã hōxãxãcre
kà pē jū rūm kwỳ ne cato.

Pē hamre. Pē ramã ijarkwa xen nỳre. Ramã
me kam ipê awcapàt kuti. Ramã ijūpar ipê
hamreare. Pē ramã ijōkre xà. Ampeaj kam ri me
ampo ita jarē. Ramã ijī pytīti. Caxwampê ipê
mehcakôc. Pē wa amji mǎ:

--Ampo na mã wa ha ajte ty? Hane.

Pê cagã caprãr catê ina jÿ ne imã hĩnkaka jaxwÿr partu, ne hacpÿa mã ijapackre to mō, ne pea ijapackre. Yhÿ, pê jê pê cagã catêa to catê. Ne apê me mãa mã ipej. Ne nee wakre ihtu nare. Xwÿjê mã cagã catê te hajÿr. Pê pea ipej. Hamre.

ROPKRĀ, O TIO RALHADOR

Esta é a história do nosso antepassado Ropkrã.

Os jovens da aldeia estavam conversando e um deles falou:

--O que é que nós vamos fazer agora?

Um outro respondeu:

--Eu não sei, resolve você.

E o outro disse:

--Se vocês estão querendo lutar, vamos lutar todos juntos.

Logo o Ropkrã saiu de casa e ralhou com eles, achou ruim porque eles estavam brincando. Então eles pararam com a brincadeira e ficaram sentados todos juntos, as moças e os rapazes ficaram sentados. Eles eram os nossos antepassados. Estavam sentados, todos os moços juntos.

E um disse:

--O que é que vamos fazer?

Um outro falou:

--Vamos rodear a aldeia cantando e depois vamos embora, vamos subir para o céu. É porque os seus tios não estão querendo nos ouvir. Viu, esse seu tio Ropkrã saiu e ralhou conosco, só porque estávamos cantando, e os nossos tios não conseguiam dormir; Ropkrã saiu porque ele estava com muito sono, e eles todos queriam dormir; por isso Ropkrã veio e ralhou conosco. Vamos embora, vamos deixá-los mesmo, sem barulho, vamos deixar que eles durmam até de manhã. Nós gostamos de cantar, mas isso espanta o sono deles, por isso vamos subir.

Planejaram isso e um companheiro falou:

--Onde vocês forem, nós vamos também.

Outro disse:

--Vamos.

E logo começaram a cantar:

--Haxepuure, te prũniti nôrõ, hee cô hee cô hee,
hee côcô hee.

Continuaram cantando, mas desta vez não estavam mais brincando. Estavam apenas cantando ao redor da aldeia.

Na aldeia continuavam todos dormindo. Um disse:

--Vamos ficar cantando até de manhã?

O outro disse:

--Não, quando chegar o sinal do dia, nós vamos subir.

E continuaram cantando ao redor da aldeia, esperando o sinal do dia chegar, até que chegou. O outro disse:

--Vamos, o sinal do dia já chegou.

E foram cantando e ao chegar na casa da Rainha da festa, subiram. Subiram de lá mesmo até o céu. E de repente, tudo ficou calmo, não se ouvia mais nada. Só tinha os rastos.

Quando amanheceu o dia os pais deles chegaram e se perguntaram:

--Onde estão os filhos? Estão calmos, calados: por quê?

O outro disse:

--Ninguém sabe, só se vêem os rastos deles. VOCÊS não viram para onde eles foram?

O outro disse:

--Não, não sabemos.

E foram acompanhando os rastos deles, mas não viram nenhum rasto. Só na porta da Rainha da festa, porque de lá mesmo eles tinham subido.

Depois disso, os pais deles ficaram discutindo, brigando entre si.

--Por que é que alguém foi falar com maus modos com os nossos filhos? Agora eles foram embora, para

onde ninguém sabe. Quem é que vai cantar e fazer barulho e espantar todas as tristezas? Quem é que foi dizer a eles que não queria mais ouvi-los? Deviam deixá-los cantar e gritar. Mas alguém reclamou com eles, e eles todos sentiram vergonha e subiram. Ninguém sabe para onde foram.

Houve muitas brigas por causa dos jovens que desapareceram. Depois, todos voltaram a ficar de acordo.

Passaram-se anos e anos, e no início de um ano, um dos jovens disse:

--Vamos descer para nos mostrarmos para eles.

O outro disse:

--Sim, podemos descer.

À meia noite eles desceram. E foram cantando assim:

--Ita rũm wa mõ hõ Hahõtõtje kraate ito cator xã
rũm wa mõ hõ!

Alguns tios deles logo acordaram e disseram:

--De onde chegaram os filhos? Estão cantando! Por que vocês foram embora? Tudo ficou tão triste sem vocês! Mas agora vocês voltaram e vai voltar a ser tudo como era antes.

O que eles cantavam era assim:

--Aõtõtjê mã cuca toocoto ho tajêhê!

E se acostumaram cantar assim. Outros tios disseram:

--De onde desceram os filhos?

--Eu vi seus corpos, eu vi quando eles estavam aqui, eu reconheci a muitos, são eles mesmos, mas quando chegaram na casa da Rainha das festas parece que subiram. Nós não pudemos fazer nada para trazê-los de volta.

Depois começaram a brigar de novo, dizendo:

--Nós não podemos festejar; nós adultos não podemos fazer nada com eles. Será que nós vamos festejar e cantar como eles? Eu quero ver vocês festejando. Os filhos é que cantavam e traziam festa

para nossa aldeia, e nós os ouvíamos. Mas agora eles subiram e agora tudo é tristeza. E de repente eles chegaram de algum lugar e estavam cantando, e eu achei que eles tinham vindo para ficar aqui. Mas já foram embora. Onde estão os jovens que vão fazer festa? Vocês são dorminhocos, vocês não acordam para cantar. Não são os filhos jovens os que sempre cantam? Mas eles subiram embora, e nós não podemos fazer nada para trazê-los de volta.

E os jovens ficaram no céu. Passaram-se mais de dois anos e, eles, lá no céu, planejaram uma coisa:

--Vamos descer para matar todos os nossos pais, porque naquele dia eles não quiseram nos escutar e, por isso nós subimos. Agora eles estão lá sòzinhos. Naquele dia nós estávamos brincando mas eles ralharam com a gente e, de vergonha, nós subimos.

Um disse:

--Por que você quer matar os nossos pais? Eles não fizeram nada conosco naquele dia. É só que eles ficaram cansados de tanto ouvir o nosso barulho. Mas nós resolvemos subir.

E um outro disse:

--São vocês que sabem. Se vocês não querem matar os seus pais, então nós não matamos.

Outro disse:

--Vamos fazer assim, vamos matar todos. Eu não vou ficar com saudades dos meus parentes, eu vou matá-los.

Desceram, e ficaram se perguntando:

--Como vamos fazer agora? Vamos cantar de novo?

--Não, não. Vamos cercá-los calados.

E começaram a matar todos eles. `Poc, poc, poc, poc, poc!` Enquanto os adultos dormiam, os jovens os atacaram, e mataram todos.

Depois subiram de novo para o céu, e ficaram tristes, e o grupo todos disse:

--Pronto, agora não podemos descer mais, vamos ter que ficar aqui mesmo.

Nós matamos nossos pais, nós nos fizemos órfãos. Não há mais nada lá para descermos. Nós ficamos aqui no céu tanto tempo e vocês ficaram zangados com seus pais lembrando o que fizeram, relembando a raiva deles que nós acabamos matando mesmo e agora vamos ficar aqui para sempre.

E outro disse:

--Todos nós vamos ficar aqui; lá embaixo não tem mais ninguém para irmos olhar, nenhum dos nossos pais. Para que vamos descer? Nós já não subimos mesmo? Agora nós não podemos mais descer, nós já matamos todos os nossos pais.

Foi assim que aconteceu com esse grupo. Eles ainda existem até hoje. Dizem que eles são a chuva. Essa gente lá de cima gosta de brincar, vive brincando.

MORDIDA DE COBRA DE CIPÓ

Francisco Romão Pyhtô

Sim. Um dia uma cobra de cipó me mordeu. Eu saí da minha casa e fui caçar. Na verdade, o capim era muito. E sem prestar atenção para o meio do capim, fui andando e caçando. Logo senti que tinha cobra e fiquei alerta. Parecia que eu estava vendo uma cobra, logo fiquei com medo de cobra. Eu sabia que uma cobra poderia me morder mas continuei andando; e de repente ela pulou em mim! Ela me mordeu atrás do joelho e eu vi ela pendurada em mim. E pronto, ela já estava se enrolando na minha perna. Eu a tirei logo da minha perna, joguei fora. E eu lhe disse.

--Você vai me pagar!

Então eu matei aquela cobra de cipó. Eu não sabia se era venenosa ou não; pensava que era cascavel e pensei comigo mesmo:

--Nada! Foi uma cobra cascavel que fez isso comigo. Eu não vou ficar bom hoje não. Pronto.

E os meus pensamentos ficaram de um jeito diferente, o meu sangue estava escorrendo. Olhei pra mim e pensei:

--Pôxa vida!

E pronto. Eu fiquei triste. Matei aquela cobra de cipó. Mastiguei fumo contra isso. Bebi a água do fumo. Já por causa daquele fumo eu fiquei doente, e o fumo me fez soluçar. E o fumo me fez ficar tonto. E eu sentei no chão. E só esfreguei a perna no lugar da mordida com bem força. E não fiquei alegre e pensei:

--Agora eu vou voltar para a aldeia enquanto ainda tenho forças.

E eles sempre diziam para mim:

--Quem sabe onde uma cobra vai jogar você no chão?

Então, pronto. Eu cheguei para cá do Mato Seco. Desci do Mato Seco. E pronto. Experimentei a perna, e nada. Não houve dor. Eu já estava ficando bom. Eles sempre diziam para mim:

--Se uma cobra venenosa morder você e você beber água, faz muito mal, mas eu já estava com sede e já bebi muita água. E pronto estava com muita pressa de chegar na aldeia. Logo depois eu cheguei na aldeia. E eu fiquei quieto sentado e então pensei:

--Será que eu vou dizer que a cobra me mordeu? Não sei.

E lá eu experimentei e nada. Lá na ferida do dente da cobra tinha um pouco de dor. E depois ficou sem dor. Pronto.

MORDIDA DE COBRA DE VEADO

Francisco Romão Pyhtô

E assim também eu andei agora, pouco tempo atrás, eu andei caçando. E eu achei um tatu num buraco. Parecia que este tatu foi para esse lado, lá dentro do buraco e parecia que, neste outro buraco, tinha uma cobra de veado, naquele buraco grande, lá dentro peguei uma vara e cutuquei com ela no buraco e fiz um buraco grande de tatu peba e pensei:

--Se eu não cuidar do meu rosto ele pode me morder, sim ele já tinha tentado me morder na cara.

E então eu entrei no buraco com minha cabeça bem no fundo do buraco, e com o meu braço lá dentro. E lá dentro eu mexi com a vara procurando o barulho dele. Assim, procurando o barulho que ele faz para mim. Mas nada. Aquele buraco estava quieto.

Então eu entrei e mexi nesse outro buraco.

Eu saí do buraco e de novo eu cavei. E botei a terra toda para trás, para cavar. E eu pensei:

--Será que ele entrou no outro buraco?--

Atrás dele eu entrei com minha mão, e pronto! Uma cobra de veado mordeu toda a minha mão e pronto eu logo não senti mais nada. Não tinha jeito e logo eu senti que foi a cobra que me mordeu e então eu meti a mão esquerda no buraco procurando a cobra e com a mão esquerda eu peguei na cabeça da cobra de veado. Peguei e disse:

--Oh! Mas é grande!

Nada. A cobra tinha ficado grudada na minha mão. Os dentes da cobra foram para lá e para cá, e eu não pude sair. E pronto. O meu braço ficou paralisado

logo. Ela me mordeu no braço direito. Eu não fiquei alegre porque ainda não tinha visto a cobra, e pensei:

--Desta vez foi uma cascavel que me mordeu! E eu puxei a cobra e ela começou a se enrolar no meu braço. E eu tirei ela todinha do buraco, enrolada no meu braço. E eu vi ela e não me assustei com ela e pensei:

--Foi uma cobra de veado que me mordeu, eu não vou morrer não, é aquela outra cobra não. E disse para ela:

--Eu vou matar você.

E eu tirei a sua boca com jeito de minha mão, a matei e a pus naquele lugar.

Estava escorrendo sangue da minha mão e a dor do meu braço estava mudando de lugar, ela me mordeu bem mordido. Então sentei e eu olhei o lugar onde ela me mordeu e nada, foi só a cobra de veado que me mordeu, eu não vou morrer não. Depois eu a matei e coloquei atrás de mim, assim, um pouco pra lá. Estava ventando muito fazendo as folhas secas caírem com barulho, barulho de vento. Parece que eu matei mal o bicho por que ele foi embora.

Quando passei um pouco de tempo sentado, lhe disse:

--Eu vou acabar de matar você!

E me virei para ela, e ela não estava mais no lugar onde que eu a coloquei. Então logo eu me levantei e fui procurando ela devagarinho. E então eu fiquei zangado com ela e disse:

--Eu vou procurar até lhe encontrar.

E fui procurando. E ela em pé me olhando. Ela já estava andando na folha de tucum e eu a peguei de novo pelo pescoço, e levei ela para um lugar bem bom para matá-la, e botei sua cabeça encima de um pau, e peguei um pedaço de pau e fui batendo, batendo, batendo no corpo todo até que ela se urinou toda. E eu joguei ela naquele buraco de tatu e nem liguei e

depois é que o maldito do tatu fez o barulho cavando. Mas eu já estava sentado e pensando. E disse para ele.

--Você pode ficar e se quiser sair então pode sair. Eu já estou ferido na mão e por isso não posso mais fazer força no buraco.

Levei aquela cobra veado um pouco e parei e fiquei pensando, e voltei com ela, e a joguei no buraco bem fundo mesmo. E fui-me embora. Foi assim que aconteceu comigo, que eu vi.

MORDIDA DE COBRA

Vitorino Ropká

Sim. Naquele dia fui cedo para o meu serviço de limpar a cana porque, quando eu era novo, eu sempre fui ligeiro no serviço. Ainda havia mormaço na chapada queimada. Então eu olhei ao meu redor, não vi nada e capinei para trás. Capinei para trás e, de repente eu me espantei, e pronto!

Ai! Aquela cobra! Aquela picada de cobra doeu muito! Então a minha cabeça ficou tonta. Isso aconteceu cedo, e já estava ficando tarde, e o curador de cobra estava andando. Não sei por onde o curador de cobra estava andando. E já era de madrugada quando o galo cantou, e o curandeiro veio até mim. E pronto.

Eu já não tinha mais gosto na boca e tudo estava ficando escuro para mim. E eu já não podia ouvir nada. E minha garganta estava doendo. É verdade o que dizem que esse bicho é perigoso e que pode até matar alguém. A minha carne estava adormecida e parecia que as pessoas falam longe de mim.

--Oh, porque eu vou morrer?

O curador de cobra se sentou perto de mim, e ele chupou de mim todo o veneno da cobra. E voltou minha audição, e pronto. Eu voltei a ouvir. É verdade que ele é mesmo um bom curador de cobra. De manhã eu já estava bom. E pronto. Logo o lugar que a cobra mordeu não inchou mais. É assim mesmo o curador de cobra. Então, dessa vez eu fiquei bom.

Gapac ta ne ita ri me amji mã ihhóc to me apa.

Mehĩ jarkwa to, nare, mehĩ carõ, quêt me ca.

Estas páginas em branco poderão ser usadas para treinar na escrita ou para fazer desenhos relacionados às estórias.

Handwritten notes in a cursive script, likely in a native language, located at the top of the right page.